

Nova edição da Carta de Conjuntura mostra uma economia menos movimentada que de costume

Camila Fernandes de Souza / 29 de agosto de 2024 / Divulgação Científica, Sociais



Sociais | Pesquisadores do PPG Economia da UFRGS apontam que, apesar de a inflação brasileira estar dentro da meta para 2024, as taxas de juros desaceleram a economia

*Foto: José Cruz/Agência Brasil

A Carta de Conjuntura do Núcleo de Análise em Política Econômica (NAPE) do Programa de Pós-graduação em Economia da UFRGS analisa diferentes aspectos da economia brasileira e mundial a partir dos relatórios do Banco Central brasileiro. Um dos principais apontamentos da última edição da Carta, publicada em agosto, é uma mudança de posicionamento do Banco Central em relação ao contexto mundial e os impactos dele no Brasil.

Doutorando do PPGE e um dos autores da Carta, Rafael Caminha Pahim afirma que, antes, a entidade ainda não estava em alerta quanto ao cenário internacional, como os conflitos geopolíticos na Ucrânia e no Oriente Médio, apesar dos indícios como o aumento no câmbio e no preço das commodities. Produtos como arroz, soja, ferro e petróleo ficaram mais caros, desencadeando uma cadeia inflacionária para todos os produtos.

Outra pressão pelo aumento de preços é o mercado de trabalho, já que a queda de desemprego criou uma pressão por salários mais altos: "Se o trabalho está mais caro, tem pressão de custos. Se eu for empresário, eu não vou querer pagar esse custo, então eu passo pro consumidor um valor mais alto".

Uma questão abordada na Carta foi o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA). A análise aponta que o principal responsável pelo aumento do custo de vida das famílias é o grupo de alimentação e bebidas. Ainda que o maior aumento do IPCA seja na educação (que acumula 5,68% no ano de 2024), o que mais pesa no bolso do brasileiro é a alimentação. Segundo Rafael, isso está relacionado ao próprio aumento no preço internacional das commodities.

"A gente achou que [a enchente n]o Rio Grande do Sul ia afetar um pouco no IPCA, não afetou. Porque o arroz já tinha sido colhido, o Governo anunciou que ia fazer estoque, e aí segurou o preço. Então esse aumento é importado do câmbio e do aumento geral [dos preços] pra todo o planeta"

— Rafael Caminha Pahim

Outro aspecto apontado na publicação é a taxa real de juros, que interfere principalmente no acesso ao crédito para as famílias e empresas. O Brasil tem uma das maiores taxas reais de juros do planeta – consequentemente, o financiamento e o empréstimo ficam mais caros e torna-se mais lucrativo ganhar dinheiro com juros do que usando crédito para investir no próprio negócio, por exemplo. "No Brasil, vale muito mais a pena comprar um papel, e ficar ganhando juros sendo rentista, do que de fato investir na economia. Porque na vida real tem riscos, eu posso comprar um lote ou uma fábrica e inundar. O papel não vai inundar, vai me dar dinheiro à vontade", aponta Rafael.

Mercado externo

Enquanto foi previsto um crescimento de 2,1% no PIB brasileiro para 2024, estima-se que esse número aumente 4,7% na China até o fim do ano. O mestrando Deivis Kappes afirma que, na realidade, era esperado que o PIB do país asiático fosse ao menos 5% maior do que o registrado em 2023. "Mas também é natural, quando uma economia vai amadurecendo, ela experimenta taxas de crescimento menores", esclarece.

Os Estados Unidos, por sua vez, têm projeção de que o crescimento do PIB atinja 2,7%, uma estimativa próxima à do Brasil. Para Deivis, autor da seção de economia mundial, isso não significa que os dois países tenham o mesmo desenvolvimento, uma vez que o Brasil está preso em uma economia média. Além disso, o ideal seria que o PIB nacional crescesse 4% em 2024, algo improvável segundo os próprios economistas, que estipulavam que esse número não passaria de 1,5% há pouco tempo.

Deivis destaca, ainda, que um episódio causou preocupação internacional. No final de junho, as ações da Nvidia, empresa estadunidense de inteligência artificial, caíram em 5%. Isso fez com que o valor de mercado diminuísse em US\$ 500 milhões, despertando o medo de uma recessão no país norte-americano. "Quando se tem essa instabilidade no mercado financeiro, é normal que os capitais migrem de países emergentes e países em desenvolvimento e procurem lugares mais seguros", alerta. Na sequência, o Banco Central brasileiro optou por medidas preventivas e interrompeu a queda de juros, encerrando o ciclo de redução que havia iniciado no ano passado.

Próximos desafios

Atualmente, a taxa de desemprego no Brasil é de 7%. Após anos consecutivos de queda nessa taxa, Rafael Pahim antecipa que ela pode estagnar. O que ele chama de "problema do desemprego" é algo que não necessariamente virá a curto prazo, mas como consequência gradual da inadimplência e do aumento da taxa de juros.

Essa questão está relacionada à política monetária brasileira, definida como contracionista, isto é, que tem o propósito de conter a inflação. Para isso, o Banco Central aumenta os juros como proteção, desacelerando a economia, já que menos pessoas físicas e jurídicas pegam crédito.

Nesse caso, subentende-se que a ameaça da inflação será resolvida com mais medidas contracionistas, para que o Brasil sofra minimamente com esse problema. Essa mesma política, porém, pode deixar milhões de brasileiros fora do mercado de trabalho, segundo Rafael. Para ele, o maior desafio será escolher entre priorizar a queda do desemprego ou da inflação no país, o que será revelado nas próximas decisões dos economistas e, portanto, mostrado nos próximos relatórios.

Uma outra preocupação é expressa por Deivis. Ele entende que as eleições nos Estados Unidos e o conflito entre a China e Taiwan podem causar uma recessão econômica, o que aceleraria a migração do capital estrangeiro para fora de países emergentes e subdesenvolvidos. No entanto, esse é um cenário muito incerto: "A crise vai ter, uma hora vai ter, é intrínseco ao capitalismo. Só que a gente não sabe quando. Então você vai ver o tempo todo essa especulação se os Estados Unidos vão entrar em recessão. Isso ocorre com a China há 20 anos, e a China continua crescendo, certo?".

Sobre a Carta de Conjuntura

Abordando tópicos como PIB, inflação, taxa de juros e desemprego, o PPG Economia publica desde 1998 a Carta de Conjuntura do NAPE. A publicação tem como objetivo divulgar dados nacionais e internacionais, reunindo gráficos e textos com atualizações sobre a economia. Com coordenação de Maurício Weiss, o NAPE acompanha os relatórios do Banco Central para, a partir deles, resumir e analisar o que foi levantado no último trimestre.

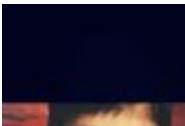
:: Posts relacionados



Praticando a escuta: pesquisa traz crônicas sobre os impactos da violência sexual na infância



Gabriel Tossi e a busca por conhecimento



Vestígios do embate entre normatização e dissidência na série "A criança", de Marcelo Chardosim



Pesquisa de estudante de Medicina da UFRGS é referência nas novas diretrizes sobre Alzheimer

:: ÚLTIMAS



Carta aos leitores | 12.09.24



Crise climática aponta necessidade de mudanças na produção e no consumo de alimentos



Gabriel Tossi e a busca por conhecimento



Estratégia para enfrentar a desinformação climática



Biodiversidade e poluição



Neuroantropologia: unindo biologia e cultura



Carta aos leitores | 05.09.24



Apesar de mudanças na lei, bioma Pampa sofre com perda de vegetação



Porto Alegre: da catástrofe climática a uma reconstrução catastrófica?



Não é negacionismo, é projeto deliberado

INSTAGRAM

Jornaldauniversidadeufrgs
@jornaldauniversidadeufrgs

Follow

REALIZAÇÃO

JORNAL DA
UNIVERSIDADE

UFRGS
SECOM

UFRGS

CONTATO

Jornal da Universidade
Secretaria de Comunicação Social/UFRGS

Av. Paulo Gama, 110 | Reitoria – 8.andar | Câmpus Centro |
Bairro Farroupilha | Porto Alegre | Rio Grande do Sul | CEP:
90040-060

(51) 3308.3368

jornal@ufrgs.br

View on Instagram